

Quando se vai pousar é preciso saber algo sobre o terreno e não somente sobre o avião. Eu creio que estamos mais confusos com relação ao terreno, à sociedade; do que em relação ao avião. Como observou nesta manhã o Enrique Iglesias (presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento), o que se vê não é uma mudança de sociedade, mas uma mudança de processo ou modo de desenvolvimento. O que estamos observando em todas as partes do mundo é a queda do Estado mobilizador, seja em suas formas positivas ou negativas. E mobilizador não no sentido de ter um papel central, e sim de mobilização de recursos culturais, políticos e ideológicos como elementos de transformação econômica.

Quero dizer, o que caracteriza o período atual é a ausência de autonomia dos subsistemas. O resultado é que o mundo comunista, o mundo social-democrata, o mundo nacionalista dos países pós-colonizados, os regimes nacional-populares da América Latina, todas estas formas de Estados mobilizadores estão em crise (e praticamente desaparecendo) em todas as partes. Restam apenas dois ou três pequenos Estados e ninguém sabe se conseguirão manter esse estilo político e social, agora em ruínas.

O que me parece mais importante do ponto de vista de uma análise política e social, ou sócio-política, é que estes regimes, sejam eles bons ou maus, não foram destruídos por movimentos sociais. O capitalismo clássico do século XIX foi atacado por movimentos populares, sindicalistas ou socialistas, por isso estamos acostumados a pensar que o processo de mudança histórica acontece a partir das reivindicações, mais ou menos violentas, das massas no cenário político. Neste caso acontece justamente o contrário.



UM NOVO MODELO DE DESENVOLVIMENTO

POR ALAIN TOURAINE

O que estamos observando em todas as partes do mundo é a queda do Estado mobilizador, seja em suas formas positiva ou negativa.

Houve, obviamente, alguma influência em 1980/1981, quando uma mesa-redonda organizada pelo Partido Comunista acertou a transição. Pode-se considerar esta uma revolução aveludada, mas a expressão seria um pouco exagerada. Tampouco na América Latina as ditaduras foram aniquiladas por sublevações ao estilo do século XIX. Então, nos encontramos no ponto de partida. O ator mais consciente e organizado da história é o ajuste. É o personagem central. Os grupos sociais ou ideológicos que falam dos atores de tipo antigo, dos tipos sociais em geral, manifestam interesses muito opostos ao que se supõe. Quando alguém fala das massas populares, em geral, se trata de funcionários públicos. Então, muitas vezes observa-se que a maneira tradicional de lidar com os problemas não só deturpa a realidade mas também a esconde.

Assim, como disse Enrique Iglesias, trata-se de dar maior autonomia, mais independência aos critérios econômicos de regulamentação. Isso nos leva a outra conjectura. O mercado, a organização do mercado, não nos leva a um princípio de organização social. O mercado é o único princípio conhecido para limpar a sociedade da nomenclatura, da burocracia, dos privilégios, do clientelismo etc. Quer dizer, tem um valor fundamental, mas crítico, porque não indica o tipo de sociedade que o povo queira construir. E não é só isso. A regulação do mercado não significa que os habitantes de todos os países do mundo vão participar do mercado, mas que existe o mesmo processo de dualização entre os que participam e os que não participam em todos os países.

Na Europa Ocidental, por

exemplo, o que estamos observando é uma heterogenização da sociedade, uma separação dos que estão por dentro e dos que estão por fora. Como aconteceu nos Estados Unidos, o nível de desigualdade social aumentou muito na Grã-Bretanha e na Alemanha. No sul da Europa, onde ela ainda não aumentou, é porque a taxa de desemprego é tão alta — como no caso da Itália — que não permite uma ayaliação.

Seja como for, mais importante que a desigualdade é o fenômeno do desaparecimento das categorias sociais. Este é o fenômeno central. Em vez de sermos avaliados pelo que fazemos, somos vistos pelo que somos. Por isso, o mundo de hoje se assemelha a autopistas, de consumo e de comunicação.

E há um estrato social que se comunica entre si, em parte do mercado, através da violência, da guerra, do racismo, da segregação... Creio que estamos vivenciando a quase desaparecimento da sociedade. Ou seja, perdemos a capacidade de colocar juntas as potencialidades econômicas e as identidades culturais.

Vivemos em um mundo onde a identidade cultural e a instrumentalidade já não têm vinculação entre si e entre estes dois mundos. O terreno que se chamava social ou político desaparece. Por isso, quando se fala de crise política ou social, na parte ocidental da Europa, o que se quer dizer é que ela vai muito além da crise de representação ou participação. Trata-se de uma separação total do mundo político e da economia, porque não é mais em nível nacional que se resolvem estes problemas, uma vez que as demandas são cada vez mais culturais ou pessoais, e não sociais.

A partir destas observações básicas, o que nos interessa é saber como, em qualquer parte do mundo, diante deste fenômeno geral, seria possível recriar o vínculo da economia com as identidades culturais ou, para usar um vocabulário diferente, como seria possível reinventar os cidadãos. Isso porque não somos mais nem trabalhadores nem cidadãos, não somos empregados e nem brancos ou negros, heterossexuais ou homossexuais, jovens ou velhos, muçulmanos ou cris-

tãos... Enfim, não há vinculação no mesmo estilo existente nos estados-nação.

Retornando ao ponto de partida, a hipótese mais surpreendente é que, se a situação é esta, não se pode esperar uma reconstrução a partir dos atores, porque o processo se passa à revelia deles. Não há outro processo possível, que não comece pela reconstrução do Estado ou pelo fortalecimento do Estado.

Em vez de sermos avaliados pelo que fazemos, somos vistos pelo que somos. Por isso o mundo de hoje se assemelha a autopistas, de consumo e de comunicação.

Digo Estado e não sistema político, e refiro-me à capacidade de tomar decisões em nível da sociedade, de buscar a coerência em nível global, o que quer dizer que esta é a base do processo de reconstrução da sociedade, que vai além da capacidade do Estado de angariar recursos.

Este é justamente o contrário da visão clássica que diz

que a partir do Estado se pode organizar um sistema político, e a partir desse sistema político aparecerá a reestruturação.

Nos países pós-comunistas, e a Polônia é um bom exemplo, houve uma ruptura total que resultou na formação de contra-atores negativos, nacionalistas, ex-comunistas, não importa, mas se conseguiu criar um sistema político no qual se encontrou a unidade nacional. Criou-se um sistema político capaz de controlar enormes extensões.

A Rússia nunca conseguiu criar um sistema político e a questão do Estado nunca ficou totalmente resolvida. Mas é só através de um sistema político que se poderia criar certos esquemas ou atores sociais como o que foi pensado pelo sindicato polonês.

No caso do Chile, o grande êxito do presidente anterior foi o de mudar o sistema político e, a partir daí, criar a possibilidade de formação de atores sociais — a exemplo dos professores, dos médicos, que reivindicam aumentos salariais. A sociedade começa a mover-se como não se moveu antes da implantação

das mudanças no sistema político.

Um dos problemas centrais é a possibilidade, muito concreta, de que diante da desvinculação se forme o que chamo de antiatores sociais. Ou seja, nacionalismo, populismo, socialismo...

Vocês se lembram do debate sobre Chiapas (México) e, estou de acordo: a violência não leva a lugar algum. Mas só através da violência política é que os mexicanos têm podido abrir-se à pressão social.

Diante das enormes diferenças sociais que existem neste país (México) há uma grande possibilidade de que a violência, a contracultura política, seja fundamental para as mudanças social-democratas através do Estado, através da política, de tal forma que os atores sociais possam desenvolver-se como atores e não como antiatores, com violência.

A sociedade começa a mover-se como não se moveu antes da implantação das mudanças no sistema político.

Para terminar, quero dizer que o que mais impressiona no momento atual, em várias partes do mundo e mais precisamente na América Latina, é a existência de soluções políticas. O que tenho visto nos países do Sul, especialmente no Chile, é que estes países já estão em um processo muito avançado de docivilização de desenvolvimento, de formação do Estado, de formação do sistema político, e finalmente, de formação dos atores sociais.

Mas existem casos em que duas outras soluções muito diferentes se vislumbram. Uma é a extrema fixação com a ruptura total, o caos com violência e formação de guetos, como na Venezuela e na Colômbia. E existe também o caso da Ásia, modelo do qual se fala sempre com muita admiração. O modelo sul-asiático, que não é o modelo do Japão nem o da Coreia do Sul, promove a união não autoritária do liberalismo econômico com o nacionalismo cultural.

Pelo menos foi o que se viu na conferência de Kuala Lumpur. O que é mais difícil de entender no mundo atual é que nos encontramos em um mundo sem atores, onde o problema real é saber como o Estado poderia fomentar o desenvolvimento do sistema político, a formação de atores autônomos, ao contrário do que ocorreu no período de 1900, 1930, ou 1960. No caso dos países latino-americanos não há outra solução se não a de um Estado criador ou recriador da unidade nacional, elemento que não pode ser isolado da cidadania. O Chile, por exemplo, desenvolveu grande consciência nacional, grande consciência de cidadania, o que facilita bastante o processo de luta contra as desigualdades sociais.

No caso dos países latino-americanos não há outra solução se não a de um Estado criador ou recriador da unidade nacional, elemento que não pode ser isolado da cidadania.

Isso mostra a necessidade de uma ação do Estado, de uma ação política sobre os grupos ocupacionais, para que se obtenha um apoio positivo da população. A ausência atual de atores sociais não pode ajudar e pode desembocar em um período muito perigoso de nacionalismo, populismo e revanchismo. Ou, como aconteceu no passado, com o Estado tomando a iniciativa de considerar que sua meta principal não é o crescimento (que seria um recurso necessário, fundamental) e sim a reconstrução da sociedade e recriação da sua unidade. Nesse sentido, a economia é um meio que tem que ser utilizado para atingir a meta.

(Este texto é a reprodução da palestra proferida por Alain Touraine no seminário patrocinado pelo Ministério das Relações Exteriores nos dias 1º, 2 e 3 de dezembro.)